

Mortes por Covid-19 explodem em 50 grandes cidades do país

Segunda fase da pandemia é mais letal em 40% dos municípios com mais de 100 mil habitantes

DELTA FOLHA

SÃO PAULO. Esta segunda fase da pandemia da Covid que o Brasil vive é mais letal que a primeira em 40% das grandes cidades do Brasil. Em 50 desses maiores municípios (15% do total), houve uma explosão de óbitos: o pico de agora é pelo menos 80% maior que o do ano passado.

A Folha comprou a semana com mais mortes nos municípios em dois momentos: março a outubro de 2020 (primeira fase) e o período entre novembro e esta última semana (segunda fase).

Os recortes negativos começaram a ser batidos em dezembro e se estendem até agora. Já os estados de São Paulo e Santa Cruz do Sul (RS) foram os locais com as piores notícias graves, nas quais o pico atual de mortes foi até 11 vezes maior que o do ano passado.

Foram consideradas as cidades com mais de 100 mil habitantes, onde os dados tendem a ser mais confiáveis.

O monitor da Folha de aceleração da doença indica que 68% dessas grandes cidades estão em estágio acelerado (crescimento rápido de novos casos) ou estável (estabilização do crescimento, mas num patamar alto).

Considerando apenas os 190 municípios em que esta segunda fase está pior do que a primeira, 74% estão em aceleração ou estável.

Embora não haja consenso entre especialistas sobre se o país vive de fato uma segunda onda ou apenas um repique da primeira, entre setembro e outubro do ano passado houve queda no número de casos e mortes por Covid, com alta a partir de novembro.

O impacto do recrudescimento foi maior no Sul. Nove em cada 10 municípios grandes da região bateram recorde no número de óbitos em uma única semana.

Em Chapecó (SC), ocorre da média móvel na primeira fase há sido em setembro, com um óbito por dia. Na última semana de fevereiro, porém, a cidade chegou a uma média diária de 13 mortos. Mesas e bares se reabriram e o comércio na segunda (8) após duas semanas com restrições.

O estado mais afetado nesta segunda fase foi o Amazonas, que em janeiro foi palco da pior crise no sistema de saúde já vista na pandemia. Com escassez de UTIs, profissionais de saúde e oxigênio para os doentes, o estado passou por explosão de mortes após 6,000 mortos nestes três meses de 2021, mais que durante todo o ano passado.

Em Manaus, onde estão concentrados todos os leitos de UTI do estado, a média móvel registrada em 2020 havia sido de 43 óbitos, contra 143 no mês passado. Outras três capitais também passaram por explosão de mortes agora: Florianópolis, Curitiba e Porto Velho. Já São Paulo, que nesta sexta-feira (12) bateu recorde na média móvel de óbitos (331), tem 41% das cidades em situação pior agora.

A que teve maior aumento de óbitos foi Jauá — de 1 em outubro para 14 em fevereiro, maior crescimento entre os grandes municípios do país.

Na capital paulista, apesar do aumento no número de casos e mortes desde novembro, a situação ainda está distante da vivenciada na primeira fase. Na pior semana da pandemia, em junho, a cidade registrou média diária de 111 mortes. O recorde da segunda fase, até o momento, é de 69.

Segundo especialistas ouvidos, o impacto da nova fase é

parte de uma cadeia complexa de eventos, muitos dos quais provenientes da primeira parte da pandemia no país.

Um dos pontos citados são as variantes do Sars-Cov-2, como a brasileira P1 e a britânica B.1.1.7, nas consideradas com maior potencial de disseminação, o que por si só pode acelerar o alcance da pandemia.

No Brasil, as variantes do Sars-Cov-2, inclusive a africana B.1.351, já são dominantes em seis estados, além do Amazonas (local onde primeiro foi identificada a P1), segundo o estudo da Fiocruz.

Mas é incorreto jogar a culpa nas variantes, dizem os especialistas. O relaxamento das pessoas quanto às medidas de proteção também deve ser levado em conta — inclusive porque as variantes têm mais chance de surgir diante da alta circulação do vírus e do desconhecimento da pandemia.

A fadiga da pandemia e do alongamento das estratégias de distanciamento entram na equação desse relaxamento. "Não é uma corrida de 100 metros, é uma maratona", diz Max Igner Banis Ferreira Lopes, infectologista do Hospital Sírio-Libanês, sobre a extensão de tempo das medidas aplicadas, sem necessariamente um controle efetivo.

E aí entra a falta de políticas públicas para controle da pandemia. O Brasil não implementou políticas de testagem em massa e rastreamento de contatos, o que pode facilitar medidas de isolamento.

Até hoje, para conseguir testes PCR são necessários alguns dias, mesmo para quem tem convênio, diz Ferreira Lopes. O monitoramento por mortes e casos é falho, diz o infectologista, porque está sempre olhando para o que aconteceu há semanas, e o conhecimento sobre o que é necessário momento é limitado.

Segundo a epidemiologista Ethel Maciel, professora da Ufes (Universidade Federal do Espírito Santo), governantes em diversos estados limitaram a preocupação com vagas de UTI e, com isso, "investiram na doença".

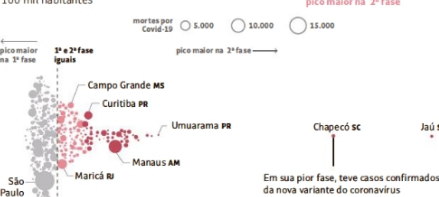
"Estamos esperando as pessoas se acostumarem com a ideia [de que] a UTI é uma forma mais digna de morrer. Se tivéssemos um medicamento maravilhoso contra Covid seria uma coisa, mas não temos", diz Maciel. "Muitas coisas poderiam ser feitas, e o Brasil não está fazendo nada. Não é só o governo federal, é todo mundo".

Para o epidemiologista e professor da USP Flávio Lourenço, as variantes foram usadas politicamente: "Serviram para governos porem a culpa do desconrole no vírus". Na primeira onda, as grandes metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro concentraram casos e mortes e, com suas medidas de restrição, conseguiram pelo menos reduzir um pouco a marcha do Sars-Cov-2 território adentro. Agora, o vírus está alastrado.

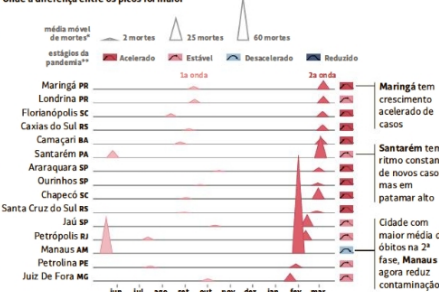
Houve ainda a minimização da situação. "Vocês tem um presidente que usa máscara poucas vezes, uma narrativa de que 'as pessoas têm que sair, ir e mimimi'", diz Maciel.

Alado a tudo isso, vieram feriados do segundo semestre, eleições, festas de final de ano e Carnaval. Tudo isso gerou grande pressão no sistema de saúde do país, logo ao mesmo tempo e nos profissionais já cansados. E, finalmente, na explosão de Covid já no Brasil insiste, sem ação. "Não dá para fingir normalidade", diz Ferreira Lopes. "Não está dando". Flávia Faria, Philippe Watanabe, Diana Yukari e Guilherme Garcia

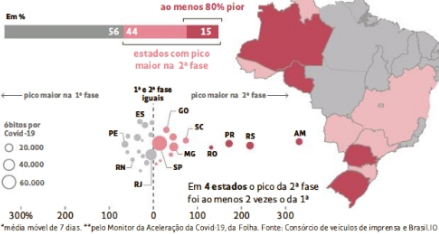
40% das cidades grandes bateram recorde de mortes por Covid desde novembro
Comparação leva em conta média móvel de óbitos em municípios com mais de 100 mil habitantes



Onda a diferença entre os picos foi maior



Estados com a 2ª fase ao menos 80% pior



UTI no Complexo Hospitalar do Trabalhador, em Curitiba; impacto da piora da pandemia foi pior no Sul

Onde as mortes saltaram mais de 80% na 2ª fase da pandemia

- Angra Dos Reis (RJ)
- Apucarana (PR)
- Araraquara (SP)
- Ariquemes (RO)
- Assis (SP)
- Bagé (RS)
- Barbacena (MG)
- Barra Do Piraí (RJ)
- Cabo Frio (RJ)
- Camaçari (BA)
- Caraguatatuba (SP)
- Cascavel (PR)
- Catalão (GO)
- Caxias Do Sul (RS)
- Chapeco (SC)
- Criúma (SC)
- Curitiba (PR)
- Divinópolis (MG)
- Erechim (RS)
- Florianópolis (SC)
- Gravatá (RS)
- Guarapuava (PR)
- Guaratinguá (SP)
- Itacatara (AM)
- Jauá (SP)
- Ji-Paraná (RO)
- Juliz De Fora (MG)
- Londrina (PR)
- Manaus (AM)
- Marília (SP)
- Maringá (PR)
- Mauá (SP)
- Niterói (RJ)
- Ouroirinhos (SP)
- Passos (MG)
- Petrolina (PE)
- Petropolis (RJ)
- Poços De Caldas (MG)
- Ponta Grossa (PR)
- Porto Velho (RO)
- Resende (RJ)
- Santa Cruz Do Sul (RS)
- Santarém (PA)
- Santo André (SP)
- São Carlos (SP)
- Sapucaia Do Sul (RS)
- Teresópolis (RJ)
- Umuarama (PR)
- Uruguaiana (RS)
- Varginha (MG)